



PROFESSORES-CONTADORES: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA A LEITURA E A ESCRITA

TEACHER-ACCOUNTANTS: STORY TELLING AS A METHODOLOGICAL TOOL FOR READING AND WRITING

Blenda Priscila Alencar da Silva ¹
Rui Carlo Pontes Moura ²

RESUMO: A discussão sobre como melhorar a prática pedagógica brasileira é algo em constante debate e análise nos âmbitos educacionais. A contação de histórias no ambiente escolar é um momento único entre o leitor em formação e o texto, sendo ainda uma atividade que promove a integração entre o momento da leitura e o da produção textual, capaz de estimular o imaginário e emoções da criança. Em busca de contribuir na mediação dos educandos à prática de leitura e escrita foi ofertada uma oficina pedagógica sobre contação de histórias, tendo como objetivo analisar as modificações que a oficina poderia trazer à prática metodológica dos professores da instituição pesquisada. O estudo teve como enfoque metodológico a pesquisa-ação selecionando como instrumento de obtenção de dados questionários respondidos pelos professores após três meses da realização da oficina. Foi observada uma postura reflexiva desses professores em relação às suas práticas educativas em sala de aula e após a inserção deste recurso pedagógico em suas salas de aula, os docentes perceberam a mudança positiva no comportamento de seus alunos diante da leitura e escrita assim surgindo inúmeros caminhos para conduzir o leitor em formação à literatura de forma espontânea e atrativa com grande aceitação e satisfação.

Palavras-chave: Educação; Ludicidade; Literatura; Contação de histórias.

ABSTRACT: The discussion on how to improve the Brazilian pedagogical practice is something that is constantly debated and analyzed in the educational spheres. A storytelling in the school environment is a unique moment between the reader who is training and the text, and it is also an activity that promotes integration between the reading moment and the textual production, capable of stimulating the child's imagination and emotions. In order to contribute to the mediation of students for the practice of reading and writing, a pedagogical workshop on storytelling was offered, aiming to analyze how that workshop could change the methodological practice of teachers of the school studied. The study had as methodological focus an applied action-research, using, as an instrument to obtain data, quizzes answered by teachers three months after attending to the workshop. It was observed a reflexive posture of these teachers concerning their educational practices in the classroom. Also, after inserting this pedagogical resource in their classrooms, they perceived a positive change in student's behaviors concerning reading and writing. As a result, it can be said that story telling as a methodological practice brings up lots of ways which can lead students who are still learning how to read to make it spontaneously, with acceptance and satisfaction.

Keywords: Education; Playfulness; Literature; Storytelling.

¹ Blenda Priscila Alencar da Silva, Pedagoga pela Universidade Estadual do Ceará, blenda_priscylla@yahoo.com.br

² Rui Carlo Pontes Moura, Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará, ruimcarlo@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

As instituições formadoras de professores ainda apresentam deficiência quando o assunto se refere às condições práticas que são necessárias para desenvolver a docência de acordo com a realidade das escolas brasileiras apresentando apenas teorias. Sendo esse um dos motivos que muitas vezes, os educadores não conseguem atingir satisfatoriamente, em sala de aula, atividades relativas à alfabetização, ao letramento, à diversidade de gêneros literários e ao desenvolvimento da oralidade nos seus educandos, pontos que são prioritários para o ensino da Língua Portuguesa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) apontam para a educação fundamental, um ensino que consiga trabalhar com as teorias da alfabetização, de letramento e de gêneros discursivos de uma forma que mostre a necessidade das práticas de leitura e de escrita, que hoje exigem muito mais do que as habilidades básicas para ler e escrever.

Vários autores, como Ana Teberosky, Emília Ferrero e Paulo Freire, analisam a importância da alfabetização, do letramento e da produção de textos para que a pessoa possa usufruir satisfatoriamente dos bens e serviços disponíveis na sociedade, e em suas pesquisas demonstram que esse exercício deve ser muito mais que a simples codificação e decodificação de letras. Como afirma Soares (1998; p. 47), “letramento – é um estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”, é um fenômeno que, segundo Kleiman (2006; p. 20) “extrapola o mundo da escrita”, pois, “a oralidade é objeto de análise de muitos estudos sobre o letramento” (id, p. 18). De acordo com Bakhtin (2006), os gêneros discursivos são formas típicas de enunciados “falados ou escritos” que se realizam em condições e com finalidades específicas nas diferentes situações de interação social.

Partindo do princípio que o professor é o mediador da relação entre a literatura e o estudante, destacando a necessidade de alcançarmos os níveis necessários para o ensino da língua portuguesa e na busca de repensar a metodologia tradicional que, usualmente, não consegue viabilizar essa mediação de forma positiva, sugere-se a utilização da contação de histórias em sala de aula, com propósito de estimular a construção e o desenvolvimento social das crianças, assim como o trabalho com a escrita e leitura de forma lúdica.

Acreditando na transformação que a formação contínua pode trazer ao âmbito escolar foi desenvolvida a oficina “O mundo mágico da contação de histórias contribuindo com o universo das letras”, com conteúdo significativo e apresentando ligações entre teoria e práticas coerentes com a realidade escolar. A oficina foi desenvolvida em uma escola da rede pública municipal de Itapipoca - Ceará, para professores do ensino infantil e fundamental.

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, onde a pesquisadora ministrou a oficina sobre contação de histórias e foi utilizado como instrumento de análise questionários respondidos pelos participantes da oficina. A oficina apresentou teorias para o embasamento dos professores, bem como métodos para levar a prática para sala de aula dos professores da escola pesquisada

O objetivo principal dessa investigação foi analisar as modificações que a oficina trouxe à prática metodológica dos professores em sala de aula. O estudo ainda buscou conhecer a história da literatura infantil e da contação de histórias e evidenciar a importância da ludicidade no âmbito escolar e no ensino de Língua Portuguesa.

A LITERATURA INFANTIL E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A discussão sobre como melhorar a prática pedagógica brasileira é algo desafiador para aqueles que acreditam e trabalham em prol da melhoria da qualidade da educação. Existe a necessidade de olhar a criança como um ser em construção que é influenciado pelo meio social que está inserida. Com o advento da tecnologia e o desinteresse dos jovens pelo livro, o ensino



da língua portuguesa encontra-se cada vez mais difícil, sendo necessária a busca dos professores por meios que facilitem a relação entre o aprendente e a escrita e a leitura.

O surgimento da literatura para crianças aconteceu no século XVIII, momento em que a revolução industrial apresentava um exorbitante crescimento e o sistema medieval, que era baseado no feudalismo, entrou em decadência. Muitas famílias migraram para as cidades e centros urbanos, então o Estado passou a estimular um modo de vida mais doméstico e menos participativo, como acontecia no poder dos feudos.

O novo poder que ascendia na sociedade tinha a necessidade de se legitimar no comando e ditames sociais, e para tal criou instituições que ajudassem esta consolidação, neste contexto surgiu a escola pública, como forma de promover o ensino gratuito e assumindo algumas funções que antes eram da família.

Estas duas instituições, família e escola, contribuíram-se mutuamente na educação das crianças e no fortalecimento do Estado. Este modelo familiar representava a nova forma de governo e para sustentá-lo foi necessário promover e cuidar de um elemento comum a todas as famílias, a criança. A partir do momento em que a criança deixava de ser vista como um adulto em miniatura e passou a ser alvo de valorização e de proteção, era necessário que surgissem instituições que preservassem o lugar do jovem na sociedade, destacando-se a escola.

No mesmo período ocorreu a expansão da produção de livros, devido ao aperfeiçoamento da tipografia, e, por meio da alfabetização, a escola habilitava as crianças para o acesso aos condutores de textos, determinando o começo do vínculo entre a literatura e a escola. Visando sua circulação e consumo, o livro foi utilizado como grande instrumento passando a estimular a escola, apresentando características pedagógicas e, nitidamente, os valores burgueses.

É necessário observar que as primeiras obras oferecidas para a leituras das crianças surgiram na sociedade francesa, mas elas não eram destinadas exclusivamente para o público infantil. A literatura infantil se construiu através da busca da manutenção do pensamento dominante na sociedade, sendo considerado um meio disfarçado de repassar a doutrina dos discursos religiosos e políticos e como maneira de alienar aos problemas sociais.

Os candidatos brasileiros a escritores para crianças não fugiram a essa regra, mas repetiram o processo que ocorrera na Europa, inventando a literatura infantil brasileira. Tomamos como ponto de partida na literatura infantil brasileira a obra “Coração”, de Edmundo de Amicis, dita como uma obra prima da literatura didática. A obra deste escritor italiano conquista leitores de todas as idades e classes sociais, tendo sua tradução divulgada no Brasil em 1891.

Dessa data em diante, “Coração” invade as escolas brasileiras, apresentando a lição do trabalho, do patriotismo e da generosidade. Tendo como objetivo apresentar os valores sociais e nacionais da época a obra apresentava-se como didático-moralizante, enfatizando o respeito por todas as instituições que organizavam a vida do indivíduo, ou seja: a família, a escola, a pátria.

Em 1919, Tales de Andrade lançou o livro “Saudade”, publicado pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. Com ele revelou-se o cenário que mais será utilizado dali por diante: o rural.

Os valores da civilização urbana e progressista estavam abalados após o fim da I Guerra Mundial e as pessoas, homens e mulheres, mostravam ter perdido a esperança. Devido este momento de crise a tendência geral da literatura na época enfatizava a paz e a justiça social, por isso Tales de Andrade apresenta a vida no campo como um grande ideal, valorizando os costumes simples e confrontando com as dificuldades e fracassos encontrados na cidade.

Seguindo a linha de literatura moralizante, Viriato Correa lançou uma coleção de livros para público infantil, intitulada “Era uma vez”, lançado em 1938, contendo as ideias e ideais dos anos de 1930, passando para a literatura o sentimento de movimento histórico nacional da época e o deslocamento de populações do campo para a cidade, buscando impulsionar a modernização



do país. Começava a surgir uma literatura que realmente apresentava características da vida real brasileira, com uma linguagem mais simples, tratando da necessidade do indivíduo vivenciar experiências em busca do seu desenvolvimento.

Outros autores também foram lidos pelas crianças, como Olavo Bilac, Manuel Bonfim, Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, que exerceram um papel importante na vida escolar do Brasil, em que alguns buscavam a manutenção do pensamento da classe dominante e outros queriam repassar regras normativas para o convívio em sociedade, mas concordavam entre si na valorização e na importância do estudo pela criança.

Monteiro Lobato, por sua vez, traz uma proposta inovadora para a cena literária. Sua personagem Emília, é demarcada por não ter inibição e falar o que achava que deveria ser dito. Pela primeira vez as crianças passaram a ter voz e suas opiniões estavam sendo apresentadas na literatura, ainda que fosse através de uma boneca.

De acordo com Gregorin (2009, p.28):

na educação e na prática de leitura no Brasil do final do século XIX até o surgimento de Monteiro Lobato, os paradigmas vigentes eram o nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural com seus modelos de cultura a serem imitados e o moralismo religioso, com as exigências de retidão de caráter, de honestidade, de solidariedade, e de pureza do corpo e alma em conformidade com os preceitos cristãos.

Lobato inovou a literatura, trazendo pontos diversificados que não teriam sido antes trabalhados com o público infantil, como teorias evolucionistas que explicassem o surgimento do mundo, problemas sociais e suas soluções igualitárias, trabalhando com o idealismo e o liberalismo, numa tentativa de modificar o modo de ver o mundo, a religião, a miséria e a ignorância do mundo, entre outros.

Esta nova literatura destinada às crianças discutia sobre as diversidades do mundo contemporâneo, o papel do homem diante da sociedade que se transforma e o transforma a cada dia, os diferentes contextos sociais e culturais que formam o povo brasileiro, as dificuldades enfrentadas pelo indivíduo e os sentimentos das crianças na página dos livros.

Hoje, a linguagem se mostra mais próxima da criança e é em um relativismo de valores que a criança terá de se situar como cidadão. Entrando em contato com a obra literária desde cedo, a criança apresenta uma compreensão maior sobre si mesma e sobre o outro, potencializando a criatividade e a cultura, percebendo a realidade que a rodeia.

Para Bettelheim (1996, p.20):

[...] enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão a vida da criança

Em um momento em que as tecnologias se apresentam como o maior interesse das crianças e a utilização de livros no contexto escolar não pode ser omitida, devido à sua fundamental importância na formação do indivíduo, se faz necessário a pergunta: O que o professor pode trazer para sua docência que incite na formação de leitores?

Mediante essa situação, surge a contação de histórias, uma forma de comunicação utilizada desde os primórdios para transmitir cultura dos povos e que no âmbito escolar poderá trazer benefícios ao educando e ao educador.

A Literatura Infanto-Juvenil tem suas raízes históricas na tradição oral, pois a oralidade é de grande importância no momento de “entrada” da criança no mundo da leitura. O leitor infantil



pode ser muito facilmente envolvido no momento da contação, desde que o processo seja bem conduzido.

O contato com a arte, de maneira geral, amplia o sentido das coisas e gera uma visão de mundo mais abrangente. A convivência com as músicas, com o folclore, com os contos e lendas redimensiona a realidade e estimula a criança no sentido de propor novas possibilidades de olhar para si e para o outro.

Como afirma Cavalcanti (2004, p.63), “o homem é por natureza e essência sujeito da narrativa, portanto um contador de histórias”. Então, partindo desse pressuposto que todos podem ser contadores de histórias, os professores podem utilizar este recurso como uma ferramenta para a sala de aula. Frisa-se aqui a busca de compreender a contação de histórias como um momento único entre o leitor em formação, e o texto, e entender que essa atividade promove uma integração entre o momento da leitura e o da produção textual, sendo capaz de estimular o imaginário e as emoções da criança.

METODOLOGIA

O estudo teve como enfoque metodológico a pesquisa-ação, já que a pesquisadora atuou no campo da pesquisa. Durante três dias foi realizada uma oficina para professores em uma escola de Ensino Fundamental da rede municipal de Itapipoca-Ceará, tendo como tema central a contação de histórias em sala de aula. A oficina objetivou promover a utilização deste recurso para o despertar do interesse pela literatura, assim como pela leitura e escrita propiciando a construção e o desenvolvimento social das crianças.

Através de textos para o embasamento teórico, atividades individuais e grupais os professores puderam ter contato e estudar sobre o universo da literatura infantil e da contação de histórias assim como músicas, brincadeiras e recursos pedagógicos.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário semiestruturado, que previamente foi validado dentro do grupo de pesquisa, e foi aplicado após noventa dias da realização da oficina afim de avaliar qualitativamente o percurso e suas contribuições e modificações para a prática do corpo docente, abrangendo concepções de interpretação e crítica, analisando-se as falas e discursos dos sujeitos da pesquisa.

RESULTADOS

Inicialmente foi indagado aos professores se, quando crianças, eles tiveram contato com contação de histórias. Dos treze entrevistados, apenas dois afirmaram que não experienciaram esse hábito em suas tradições familiares ou espaços escolares. Alguns disseram que lhes eram contados os clássicos como “Chapeuzinho vermelho” e “Os três porquinhos” e outros disseram que ouviram histórias assombradas e de uma personagem conhecida como “Samarica Parteira” e ainda histórias dos antepassados da família.

Os clássicos estão sempre presentes no imaginário infantil, contudo as histórias regionais possuem personagens e características bem particularizadas em relação à comunidade em que se vive. Como afirma o autor Bettelheim (1992, p. 348) “as histórias, os contos são como espelhos mágicos, que refletem aspectos do mundo interior e exterior do ouvinte” Desta forma, as histórias familiares, acrescidas de alguns elementos de humor, picardia, assombro, fazem parte da cultura dos povos e ainda perdurou na infância de nossos sujeitos.

A próxima pergunta teve como objetivo fazer um levantamento sobre há quanto tempo lecionam os professores participantes da oficina. 7,69% dos professores lecionam há apenas seis meses, 15,38% é o índice para o recorte de pelo menos de dois anos, 38,46% com menos de sete



anos, 23,09% há dez anos e 15,38% há mais de dez anos. Demonstrando que existem diferentes gerações neste grupo, tanto em relação às histórias que ouviam e contavam, quanto as suas próprias formações acadêmicas.

Antes da oficina apenas cinco professores já haviam contado histórias para seus alunos. Embora onze, conforme pergunta anterior, houvessem tido esta experiência em sua vida infantil. Percebe-se que os docentes não haviam assimilado a possibilidade da contação lhes ser um bom recurso didático.

Os partícipes que disseram que já haviam tido contato com a contação de histórias, afirmaram que em algumas formações oferecidas pela Secretaria de Educação de Itapipoca aconteceram momentos que demonstravam a importância da ludicidade no ensino, principalmente na Educação Infantil, onde os ministrantes citavam a contação de histórias. Como afirma uma professora de Educação Infantil, sujeito da pesquisa:

“Teve uma formação de uma editora que foi dada por uma brincadeira. Foram momentos maravilhosos, ela falou várias brincadeiras para fazermos com as crianças e falou da contação de histórias. Fiquei muito curiosa, mas infelizmente nunca tivemos uma formação só sobre a contação que eu considero muito importante para mim já que trabalho com crianças pequenas. Ler a história eu sempre leio, mas queria aprender a contar, pra mim é como se a história ficasse mais completa”

Após a oficina ter sido ministrada no colégio onde trabalham, 92% dos professores adotaram a contação de histórias como recurso metodológico. A única professora que não adotou a prática afirmou:

[...] “Ensino há 16 anos, gostei da oficina, foi alegre e divertida, mas para sala de aula não dá certo. Vira bagunça. Se quiserem fazer, que façam, mas o meu jeito de ensinar é outro”.

Isso nos leva a considerar que não seria a falta de conhecimento de recursos, o custo ou desconfiança por parte do professor de que a técnica diversificada para o ensino não produza resultados satisfatórios, mas o estilo da aula da professora que não coaduna com a prática diferenciada do ensino, em que os alunos se tornam sujeitos ativos no processo, pois ela teme ainda existe o temor que se torne motivo de indisciplina e dispersão em sala de aula.

Dos que estão utilizando a contação de histórias em sala de aula somente dois professores falam de sua prática ser irregular. Contudo, quatro estão utilizando diariamente e seis professores de uma a três vezes por semana. Ou seja, mais de 76 % dos participantes da pesquisa continuam a se utilizar do método empregado, e acreditamos que a continuidade na utilização do método reflete a sua eficácia no processo de aprendizagem dos alunos.

Nove docentes afirmam que utilizam recursos para contar histórias. Dentre os mais citados destacam-se o avental do contador, o tapete mágico, os fantoches, o grande livro contador, os dedoches e o baralho de perguntas.

Indagados sobre a reação dos alunos quando eles lhes contaram as suas primeiras histórias, a maioria respondeu que a aceitação foi espontânea e ao chegarem ao outro dia eram abordados pelos educandos com a pergunta: “Tia, hoje tem história?”. Uma das professoras afirmou:

“Vou confessar, foi incrível, eu estava tão nervosa que parecia primeiro dia de aula. Coloquei um colete enfeitado que tinha feito na oficina e disse a eles que toda vez que eu vestisse aquele colete era a hora da história. Deu pra notar que a maioria não entendeu nada. Pedi para eles se sentarem no chão, e comecei a contar a história Cachinhos de ouro. No começo não estavam tão atentos, pensei em parar, e lembrei da parte de voz da oficina, e mudei meu tom de voz



na hora dos ursos e da menina. Os alunos riram e não paravam mais de me olhar. Quando terminei fui muito aplaudida por eles e o exercício que eu preparei depois com perguntas de interpretação todos fizeram e isso é raro. Não paro mais de contar histórias, eles esperam por isso, eles esperam até pelos deveres.”

A próxima pergunta respondida pelos professores foi: “Atualmente, qual o comportamento dos seus alunos diante do momento de contação de histórias?”. Sete educadores afirmam que os alunos esperam por esse momento e cobram quando não tem, três disseram que ainda sentem dificuldade para lidar com alguns alunos que querem levar esse momento para a brincadeira, enquanto outras duas disseram que seus alunos a cada dia reagem melhor a esse momento. Ou seja, 69% dos professores manifestaram situações totalmente positivas ante a contação de histórias. Duas docentes ainda demonstram receio em relação a esse método porque existem alunos que não cooperam.

Todos os sujeitos da pesquisa que estão utilizando o recurso da contação de histórias afirmam que é um recurso que contribui aos demais conhecimentos que serão introduzidos e trabalhados na sala de aula, mas principalmente um meio de incitar o gosto pela leitura.

A diferença foi notável ao ponto de a escola criar um projeto chamado “Hora de contar”, em que, uma vez por mês, o aluno que se destacava entre os melhores da sua sala, contaria uma história para seus colegas e de acordo com seu desempenho ganharia prêmios. Os professores afirmaram que os estudantes apreciam esse momento e estão melhorando cada vez mais, em busca da sua participação.

Outro aspecto questionado foi se os educadores notaram alguma diferença na leitura e na escrita dos aprendentes após a contação. A totalidade dos professores concordou que sim o que estimula a continuar utilizando a contação de histórias como elemento de referência nas aulas da Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

A última pergunta do questionário era a seguinte: “Acredita que a oficina: ‘O mundo mágico da contação de histórias contribuindo com o universo das letras’ apresentou metodologias para a sala de aula que contribuíram positivamente para a sua docência?”. Nesse momento destaca-se algumas das respostas:

“Sim. Achei que era mais uma bobagem que o diretor estava inventando, mas na parte teórica já comecei a mudar minha visão. Nos momentos engraçados voltei a ser criança. E depois percebi que tudo aquilo cabia, sim, na minha aula, que tanto iam se divertir os alunos como eu e acima de tudo, aprendendo” (Professora do 3º ano.).

“Sim. As músicas que aprendi na oficina são as preferidas dos meus pequenos. Sou professora da Educação Infantil e sinto dificuldades em ensinar a eles porque, infelizmente, a maioria pensa que só é pra brincar e dormir que eles estão ali, mas não é assim. E a contação de histórias está sendo um ótimo método e eu estou inventando as histórias que conto. Tenho orgulho em dizer que meus alunos do pré sabem escrever o seu primeiro nome e os numerais e, quem conhece sabe, por aqui você não vai encontrar isso com tanta facilidade.”

“Sim. Leciono há pouco tempo, mas acredito que ensinar é isso, é amor, é alegria, o que foi muito colocado na oficina. E como na faculdade trabalhamos muito a teoria, é maravilhoso momentos que nos tragam novidades realmente de prática. E agora também estou mais segura. A oficina me trouxe uma maior coragem de fazer as coisas sem ter medo de ser feliz.”

O que se pode observar é uma postura reflexiva desses educadores em relação às suas práticas educativas em sala de aula, que se abriram para um novo pensamento metodológico, que



como afirma Freire (2001) o educador deve pensar criticamente a prática de hoje ou de ontem para melhorar a próxima prática. Desta forma, percebe-se que os objetivos propostos foram alcançados tanto no que diz respeito aplicação das metodologias na oficina, quanto em relação a esta pesquisa.

CONCLUSÃO

Os momentos percorridos por essa pesquisa-ação demonstram que houve modificações na prática metodológica dos professores que participaram da oficina e modificações na aquisição da leitura e escrita dos alunos.

Da análise de dados pode-se perceber a falta de conhecimento de alguns dos professores em relação à contação de histórias, em contraste com suas posturas após a oficina, havendo uma grande aceitação e satisfação. Modificou-se o pensamento dos professores a respeito da contação assim como, seu modo de agir em sala de aula, sua postura diante dos alunos e houve um retorno por parte dos alunos, onde a maioria quer ouvir, aprender, fazer seus exercícios escolares.

A criança, de acordo com seu desenvolvimento vai ajustando-se à sua realidade e superando de modo cada vez mais eficaz as situações com que se confronta. Nesse sentido, percebeu-se que as crianças foram e continuarão ajustando-se ao mundo da literatura e que isso dependerá da postura do professor diante da sua práxis. As crianças não deixam de querer ouvir histórias, são os adultos que deixam de contá-las.

A contação de histórias pode desenvolver o gosto pela leitura de forma espontânea e afetiva se assim nela for inserida, e desenvolverá a habilidade com o mundo das fantasias.

Frisa-se que mesmo aquela criança que está se inserindo no ambiente escolar, que terá seu primeiro contato com a literatura infantil, se encanta com o poder da história, sendo transportada ao mundo da fantasia onde quem comanda é a própria criança com o poder de sonhar.

Se houver a aceitação de que a literatura é uma forma particular de ir ao encontro do conhecimento, logo entenderemos que ela pode ajudar enormemente o professor nessa tarefa educacional, trabalhando com o comportamento humano e social, permitindo ainda o diálogo com outras áreas de conhecimento conforme proposto pelas novas diretrizes educacionais do país.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

GREGORIN FILHO, J. N. **Literatura Infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os Significados do Letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.